

Imagine o seguinte*

Silvio Caccia Bava

Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Publicado em: 11/02/2004

Você está sem emprego, sem dinheiro, pedindo emprestado para sobreviver. Contando com a solidariedade da família, de alguns amigos. Passam-se meses e você não consegue emprego. Às vezes um bico, alguma coisa. Você tem família. E a preocupação de não ter nada para oferecer a eles está sempre rondando. Você está abalado, ferido na sua auto-estima. Afinal, você não trabalha.

Mas você não está só. São dois milhões de desempregados só em São Paulo, onde você vive. Os tempos pioraram, aumentou o número daqueles que, como você, procuram trabalho. Sua vantagem é que você já tem alguma experiência, todos esses jovens que passam também a procurar trabalho ainda não tiveram uma oportunidade. Mas, ainda assim, ficou mais difícil.

Essa realidade já se repetiu muitas vezes e em muitos países no último século. O que fazer para gerar empregos? E enquanto a economia não gerar mais empregos? São várias as respostas que foram dadas em distintos países a esta situação. Em alguns casos, as associações de trabalhadores souberam enfrentar a crise. Surgiram fundos de desemprego, entidades assistenciais, cooperativas, campanhas de solidariedade. Mas, dada a extensão do problema, todos sabemos que só o Estado pode tomar iniciativas que atendam a maioria. Porque é ele que maneja os recursos que nós pagamos através dos impostos, e é ele que implementa as políticas públicas. Cabe ao governo, que dirige o Estado, criar políticas para atender as necessidades e demandas desses milhões de desempregados.

Os governos, no entanto, não têm feito isso. E, se acreditarmos no que nos ensina a História, só vão priorizar o combate ao desemprego se os trabalhadores os pressionarem, transformando em coletivo o que antes era um comportamento individual de resistência. Sim, porque a pobreza se experimenta, em primeiro lugar, como resistência. Uma luta cotidiana pela afirmação de sua própria existência, seja material, seja como cidadão. Mas só quando o pobre se associa aos demais e passa a se mobilizar enquanto coletivo é que ele adquire força para apresentar suas reivindicações.

Podemos tomar um certo país como exemplo. Com a ocorrência de grandes mobilizações, surgiram respostas por parte do governo. A primeira resposta, a mais urgente, por comida, foi rápida. Em alguns meses cerca de 18 milhões de desempregados estavam recebendo sua cesta básica. Mas continuavam não fazendo nada, sem perspectivas de recuperar sua auto-estima. Vivendo do que os outros lhes davam. Durante mais de um ano ficaram nessa situação.

Novamente os trabalhadores se mobilizaram e demandaram do governo: não queremos esmola, queremos trabalho! E o governo, sensibilizado pela importância crescente das mobilizações, pelo descontentamento geral, encaminha ao Congresso uma proposta de mudança: o dinheiro já escasso nestes tempos de crise, que estava reservado para investimentos, deve ser redirecionado para gerar políticas de trabalho.

Por conta do reconhecimento da crise e do risco de desdobramentos imprevisíveis, o Congresso aprova a proposta. E o governo cria uma coordenação de um programa de geração de trabalho que deve ser realizado, conjuntamente, por vários ministérios.

Perguntava-se às pessoas o que elas sabiam fazer. Umas costuravam, outras faziam sapatos, havia os que limpavam as ruas, outros aprendiam a ser pedreiros, pintores, etc. Buscava-se uma ocupação, que fosse socialmente útil, para cada um, para poder remunerar seus trabalhos.

Assim, o governo deu início a um esforço enorme de gerar trabalho.

Junto com a cesta básica distribuía-se roupa, calçados. Construíram e reformaram-se escolas, postos de saúde. Um amplo programa de construção de moradias por mutirão foi iniciado. Consertavam-se as estradas, redes de saneamento básico foram implantadas, até aeroportos foram construídos. As artes foram estimuladas, para atender aqueles que eram artistas.

Aos poucos, o dinheiro que todos recebiam do seu trabalho foi aquecendo a economia. E começaram a surgir novos empregos, voltados para atender essa demanda de produtos procurados pela população. A crise foi sendo superada. O programa de cestas básicas gradativamente reduzido. E o emprego voltou a crescer. Isso aconteceu nos Estados Unidos, nos anos 30.

Texto originalmente publicado no Diário de São Paulo de 10 de fevereiro de 2004.